



USO E NÃO USO DE DETERMINANTES DIANTE DE NOMES PRÓPRIOS E PRONOMES POSSESSIVOS: VARIAÇÃO E PENSAMENTO CIENTÍFICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Isabel dos Santos Magalhaes Gomes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço Eletrônico: dossantosmagalhaesi@gmail.com

Cristiane Namiuti
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço Eletrônico: cristianenamiuti@uesb.edu.br

2964

INTRODUÇÃO

Este trabalho deriva da nossa pesquisa de doutorado que se encontra em andamento. Para tanto, tomamos por base o estudo desenvolvido por Floripi (2008) acerca da variação do uso do determinante em sintagmas nominais possessivos, no qual, aportada em Silva (1982) e Magalhães (2002), a autora destaca a importância da preposição nesse processo de variação do uso e não uso de determinantes diante de nomes próprios e de pronomes possessivos na história da Língua Portuguesa. Ela salienta a relevância que as construções com preposição exercem em relação ao fenômeno por ela estudado (o uso de artigo em sintagmas possessivos) ao constatar uma menor incidência de uso desse item em DPs possessivos quando estes eram precedidos de preposição, o que nos instigou a continuar investigando essa variação em sintagmas nominais preposicionados, pois ainda é possível se observar a recorrência do uso do determinante no Português Europeu (PE) e em algumas variedades do Português Brasileiro (PB) e a sua ausência em outras, como podemos observar nos exemplos:

- (1) “Mal pensava eu que o Cândido **do Gal** e **de Palmela**...” (CARDS0208, 2) PE
- (2) Eles irão para a casa **da Maria** (PB-Paulista)
- (3) Eles irão para casa **de Maria** (PB-Bahiano)

Nessa perspectiva, delineamos como nosso objeto de estudo o papel da preposição na variação do uso e não uso do determinante no sintagma nominal, diante de nomes próprios e pronomes possessivos, na diacronia do PE e do PB. Aqui, atemo-nos a análise do fenômeno em escritos (cartas) do séc. XIX de ambas as modalidades do Português, objetivando investigar a correlação entre preposições e determinantes, considerando se o papel relacional do item prepositivo influencia ou não nesse processo. Assim, propomo-nos a averiguar, nesta análise preliminar, como os nossos dados se



mostram no que concerne a essa variação, se a preposição exerce algum papel no uso ou não uso do artigo, e em qual contexto ela tem sido mais produtiva, se com os nomes próprios ou com os pronomes possessivos.

Também refletimos aqui acerca da possibilidade de inserção do pensamento científico no ensino de Língua Portuguesa enquanto requisito para a consolidação de uma educação efetivamente cidadã, conforme propõe Paixão de Souza (2012), partindo de discussões como essa, sobre variação e mudança em estruturas linguísticas. A esse respeito, Mattos e Silva (1997, p.p 75-76) assevera que “os fatos sintáticos em variação” espelham um ensino de gramática assentado na aquisição de estruturas da norma padrão que não são mais usadas pela maioria dos brasileiros, evidenciando assim a divergência da nossa sintaxe em relação a do PE. Nesse contexto, é muito apropriado o seu questionamento acerca do que pode a nossa língua: “...esta “língua brasileira” **pode** já ser outra “língua”, no sentido de “*grammar*”, o que resta saber é se, (...) se **quer** isso” (MATTOS E SILVA, 1997 p.77, grifos da autora).

Para maior contextualização do fenômeno em estudo, apoiamo-nos inicialmente nos estudos de Figueiredo e Silva (1994), Chomsky (1995, 1998), Salles (1997), Magalhães (2002), Floripi (2008) e Santana (2014). Ao focalizarmos o âmbito educacional, remontamos ao que é exposto pela Tradição Gramatical e, consecutivamente, praticado nas escolas. Segundo Gomes (2019), ao tratar da preposição, a GT desconsidera seu papel sintático e semântico, uma vez que a toma como uma classe desprovida de quaisquer sentidos e vazia de conteúdo nocional, o que é objetado por Santana (2014), ao propor um ensino dessa categoria centrado em pressupostos gerativistas, abordando-as enquanto itens funcionais e lexicais. Em sua concepção, é possível “enxergar que as preposições apresentam comportamento peculiar (...) – principalmente no que se refere ao valor sintático (...) seja em operações de adjunção ou de complementação.” (SANTANA, 2014, p. 39-40), para ele, o ensino na perspectiva gerativa esclarece mais amplamente sobre como funcionam as preposições no PB. (...) desde as análises mais elementares.

METODOLOGIA

Para obtermos os resultados iniciais, analisamos ocorrências de estruturas preposicionadas em cartas escritas no século XIX, que estão disponíveis e anotadas sintaticamente no corpus do português histórico Tycho Brahe., com a finalidade de



verificarmos a influência desses elementos preposicionais no contexto da variação do emprego (ou não) do determinante, considerando variáveis que são controladas, característica inerente ao estudo investigativo, segundo defendem Sampieri, Collado e Lucio (2013). Como metodologia para extração dos dados fizemos a busca através *Corpus Search* no site: www.ime.usp.br/~tycho/corpus do *Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe*, da qual selecionamos ocorrências que se aplicam ao fenômeno ora investigado neste estudo diacrônico, consistindo, introdutoriamente, em uma análise quantitativa dos dados, com a finalidade de ratificar a recorrência da variação do uso e não uso do determinante em sintagmas preposicionados em textos do século XIX, como podemos observar nos seguintes excertos:

2966

a) P + determinante

- (1) “*Queremos desse modo evitar as hostilidades do Wand. ao Alexandre.*” (VA-004-2009,0.1910)
- (2) “*Depois do seu último telegrama, abordei o amigo que V. indicava, apesar de já conhecer-lhe a opinião.*” (VA-004-2009,0.1923)

b) P sem determinante

- (3) “*Vindo de Palmela para as Virtudes cá por esta banda, encontrei um almocreve e o cujo dito almocreve trazia duas bestas desocupadas.*” (CARDS0002,.2)
- (4) “*O que lhe posso dizer que nunca em minha vida não vi nem ouvi o que aqui tenho visto e ouvido.*” (CARDS0001,.3)

Importa ressaltar que, nessa primeira busca, consideramos o elemento preposicional seguido ou não de determinante e sua precedência aos nomes próprios e aos pronomes possessivos

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados de Floripi (2008), analisando a presença do determinante em DPs possessivos no PE, apontam para um crescendo de ocorrências do uso do determinante, que se mostra mais representativo no século XIX. Em nossos dados, ainda que preliminares, esse resultado permanece, principalmente, no PB, visto que mesmo sendo este um estudo inicial, o qual ainda não apresenta resultados robustos, é perceptível uma maior recorrência do uso do determinante em sintagmas preposicionados nas cartas brasileiras (principalmente diante de nomes próprios), enquanto os dados das cartas do PE apontam para a proximidade no número de ocorrências em que figuram ou não o uso do determinante, conforme mostra a tabela 1, a seguir:

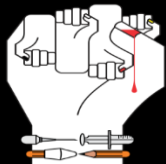


Tabela 1 - Uso e não uso do determinante em sintagma nominal preposicionado

Escritos	P+D+NPR	P+D+POSS	P+NPR	P+POSS
Cartas Brasileiras	521 (27%)	334 (17%)	323 (16%)	40 (2%)
Cartas do PE	138 (13,5%)	140 (14%)	176 (17,5)	56 (5,5)

Fonte: Elaboração própria

Consoante a tabela, no PB, os dados apontam para a preponderância do uso de determinantes tanto diante de nomes próprios (521 casos) como de pronomes possessivos (334 casos), em contraposição aos casos de não uso do determinante (323 e 40 dados) diante de nomes próprios e pronomes possessivos, respectivamente. Ao passo que no PE, em ambos os contextos (antecedendo NPR e POSS), as ocorrências do uso do determinante se equivalem, e indo de encontro aos dados do PB, mostram-se mais produtivos os casos do não uso do determinante diante de nomes próprios (176 dados). Dessa maneira, podemos afirmar que os resultados, ora obtidos, ratificam a recorrência dessa variação, tanto PE quanto no PB.

Importa ressaltar que, de acordo com Santana (2014), o desempenho da preposição enquanto elo sintático, é responsável pela seleção da palavra que lhe é posposta, determinando, pois, sua função como elemento lexical (adjunção) ou funcional (complementação). Em análise prévia, que será aprofundada *a posteriori*, há evidências de que o papel de adjunção, por apresentar-se mais lexical e mais frequente, tem influenciado no emprego do determinante nos contextos apresentados.

CONCLUSÕES

Nossos dados, ainda que parciais, assemelham-se aos de Floripi (2008), no concernente à recorrência do uso do determinante em precedência a nomes próprios e pronomes possessivos nos sintagmas preposicionados, tanto no PE como no PB.

Salientamos que nossos dados serão melhor discutidos e analisados, entretanto, consideramos que esta seja uma proposta viável, visto que, ao considerarmos o fenômeno da variação do uso e não uso do determinante em sintagmas preposicionais, parece-nos, de fato, que é o papel morfossintático que esse item assume na sentença que influencia o uso (ou não) do determinante. Além de os dados apontarem para um maior número de ocorrências com sintagmas determinantes que são introduzidos por [P+D], o que nos induz a cogitar o favorecimento desse uso atrelado a função lexical da preposição. Reafirmamos que esta é uma abordagem incipiente em relação ao licenciamento do uso ou não de determinantes em sintagmas preposicionais, há muito a ser averiguado para ampliação do que aqui é suscitado. Por outro lado, este estudo



aponta para a viabilidade da reflexão de questões como essas no âmbito educacional, o que pode vir a fomentar nos educandos o desejo de apropriação de sua língua como ferramenta de luta e, quiçá, de inserção no mundo da pesquisa, da ciência linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Determinantes. Preposição. Ensino.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, Mass., MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. (1998) **Minimalist Inquiries**. Cambridge, Mass: MIT Working Papers, 1998.
- FLORUPI, S. **Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português**. Tese de doutorado. IEL/Unicamp, 2008.
- GOMES, I. S. M. **Da Sócio-História à contemporaneidade da preposição para: sua análise na escrita de alunos do 9º ano de uma escola rurbana**. Dissertação (Mestrado em Letras- PROFLETRAS). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.
- MAGALHÃES, T. **O Uso do Artigo Definido de Pronome Possessivo em Textos Portugueses do Século XVI a XIX**. Qualificação em Sociolinguística, 2002.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de português: A língua que se fala X a língua que se ensina**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2012). **Prescrição versus criatividade no ensino da gramática do português** In: LOBO, T. et al. (Org.). *ROSAE: Linguística Histórica, histórias das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- SALLES, H. M. M. L. **Preposition and the Syntax of Complementation**. Tese de doutorado. University of Wales-Bangor, 1997.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. H. e LUCIO, P. B. **Metodologia da Pesquisa**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. 5.ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SANTANA, E. G. **Ensino de preposições na educação básica: uma abordagem gerativista**. Dissertação de Mestrado. UnB, 2014.
- SILVA, G. M. de O. **Estudo da Regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro**. UFRJ. Tese de Doutorado, 1982. UFRJ.

2968